

Pantanal

RETRATOS DE UMA COMUNIDADE ISOLADA



Luis Augusto Akasaki
Thaiany Regina da Silva

PANTANAL: RETRATOS DE UMA COMUNIDADE ISOLADA

LUIS AUGUSTO DA CRUZ AKASAKI
THAIANY REGINA DA SILVA

PANTANAL: RETRATOS DE UMA COMUNIDADE ISOLADA

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB
CAMPO GRANDE, MATO GROSSO DO SUL – 2012

Título original	PANTANAL: RETRATOS DE UMA COMUNIDADE ISOLADA
Autores	Luis Augusto da Cruz Akasaki Thaiany Regina da Silva
Capa	Luis Augusto da Cruz Akasaki
Projeto gráfico e diagramação	Hélder Rafael
Revisão	Alan Silus Silva
Orientação	Jacir Alfonso Zanatta

AKASAKI, Luis Augusto C.; SILVA, Thaiany Regina da.

PANTANAL: RETRATOS DE UMA COMUNIDADE ISOLADA – 1ª ed. – Campo Grande:
Universidade Católica Dom Bosco, 2012.

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à
UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB

Avenida Tamandaré, 6000 , Jardim Seminário
Campo Grande - MS, 79117-010
Telefone: (0xx) 67 3312-3300
www.ucdb.br

AGRADECIMENTOS

Se hoje estou aqui, concretizando mais este sonho, devo agradecer a minha FAMÍLIA e aos AMIGOS que Deus colocou em meu caminho, pois nem sempre o caminho foi fácil, mas com o apoio destas pessoas fui vencendo cada obstáculo que aparecia, à vocês a minha gratidão eterna em meu coração.

Em especial quero agradecer ao meu irmão, LUIS HENRIQUE, pois sem ele eu jamais teria a coragem de enfrentar os sentimentos que me assombravam.

Também agradeço a minha sobrinha ISABELA, que com sua espontaneidade e sinceridade de criança me fez querer ser uma pessoa cada vez melhor.

Luis Augusto da Cruz Akasaki

Ao longo de quatro anos de faculdade é a única coisa que posso fazer a todos que passaram na minha vida: agradecer. Graças ao bom Deus, tive o privilégio de ter o apoio de amigos, familiares e tantos outros que encontrei nos momentos certos.

Mas, sem dúvidas, o ser que mais contribuiu durante todos estes anos foi a minha MÃE. Alguém que permitiu, incentivou e financiou meus sonhos, além de me obrigar a colocar a cabeça no lugar e os pés no chão, por inúmeras vezes. Também agradeço a minha IRMÃ, que por diversas situações, se limitou em seus desejos e realizações para que eu pudesse alcançar os meus objetivos.

Não gosto de citar nomes porque tenho medo de esquecer alguém. Mas, garanto a todos que em minha mente e coração o sentimento de gratidão será eterno.

Thaiany Regina da Silva

APRESENTAÇÃO

Não é fácil escrever sobre um lugar que tive tantas experiências interessantes. Posso dizer que, em muitos momentos, presenciei o quanto os ribeirinhos são fortes, inteligentes, íntegros, sonhadores, confiantes e muito responsáveis.

Os moradores da comunidade do Porto da Manga tem algo especial e confesso que, as vezes, não era fácil desenvolver um trabalho nessa região. Mas, o que dizer do legítimo pantaneiro? Pessoas fortes, seguras e que avançam sobre os territórios, isso sim é algo que me encantava naquele povo.

Pude acompanhar de perto o trabalho que o Luís Augusto Akasaki e a Thaiany Regina da Silva, e digo que foi um grande desafio, conhecer um pouco dos sentimentos desses ribeirinhos, a forma que são tratados, a desigualdade e o principal, o isolamento, algo que deixa aquelas pessoas desanimadas.

São pessoas do bem e lutadores que buscam condições dignas. São bravos guerreiros e vejo no fundo daqueles olhos um só objetivo: melhorar a vida de seus filhos e netos. PANTANAL – RETRATOS DE UMA COMUNIDADE ISOLADA será um importante trabalho não só para aqueles ribeirinhos, mas também para nós, que somos apaixonados pelo Pantanal e seus pantaneiros. Parabéns pelo belíssimo trabalho.

JEAN FERNANDES DOS SANTOS JR.

Jornalista e Fotógrafo

SUMÁRIO

8	INTRODUÇÃO
11	ROTA PANTANAL
29	“MADE IN” BOLÍVIA
33	Características naturais do Pantanal
39	MANGA D'ÁGUA
51	OLHOS DO PANTANAL
63	MITO DAS ÁGUAS
71	LUZ PARA OS EXCLUÍDOS
81	PANTANAL SEM ÁGUA
88	RESGATE DOS ESQUECIDOS
98	MAPA: Caracterização da Estrada Parque

INTRODUÇÃO

Quarta-feira, 12 de setembro de 2012 – começa uma viagem de dois jovens acadêmicos de Campo Grande, Mato Grosso do Sul – é o início da nossa aventura. Sabíamos que apesar das diferenças culturais e de personalidades, um único objetivo foi o suficiente para nos motivar a seguir rumo a um paraíso quase desconhecido.

8 Realizamos trabalhos voluntários com crianças em algumas comunidades pantaneiras em 2010, e fomos envolvidos pela vontade de compreendermos mais profundamente a cultura dos ribeirinhos. Decidimos então, percorrer o caminho de aproximadamente 450 quilômetros de onde moramos, até a comunidade pantaneira do Porto da Manga, localizada as margens do rio Paraguai, mais especificamente no coração do Pantanal.

Um lugar incomum para pessoas como nós, acostumadas com os grandes centros urbanos. Sozinhos e com pouco dinheiro, decidimos nos arriscar, pois o anseio em conhecer a planície e o povo pantaneiro era maior que tudo naquele momento.

Partimos de ônibus do terminal rodoviário de Campo Grande, Senador Antônio Mendes Canale, além de nossas bagagens carregamos conosco nossos anseios e conflitos. Sem noção dos problemas e obstáculos que enfrentaríamos, nos aventuramos e seguimos em diante. Tínhamos a plena certeza, baseados em nossas experiências anteriores, que conquistaríamos um enriquecimento pessoal surpreendente, a começar pelo choque cultural.

A Falta de recursos financeiros, problemas com logística e transporte, o desgaste físico e o curto espaço de tempo foram algumas das dificuldades que enfrentamos para chegar até a comunidade de Porto da Manga, no entanto, tudo foi superado graças aos momentos inesquecíveis somados a beleza cênica da

região. Deixaremos nossas impressões transparecerem ao longo dos capítulos, aliadas aos relatos de pessoas guerreiras, batalhadoras, humildes e acolhedoras que encontramos pelo caminho, que diante das circunstâncias descobertas dentro e fora da comunidade, permitimos que nossos sentimentos fossem guiados pelas emoções e pelas bases do jornalismo.

Sem esses sentimentos, este livro perderia a real finalidade e tão pouco faria sentido. Queremos levá-lo a uma visita pela comunidade, dividindo conosco as surpresas e emoções que encontramos, a fim de proporcionar uma reflexão sobre os modos de vida de pessoas diferentes como os coletores de iscas, os pescadores, os piloteiros dos barcos e as donas de casa. Todos eles com funções diferentes, mas unidos pelo mesmo sentimento: as dificuldades enfrentadas como a falta de assistência pública, educação e até mesmo saneamento básico, presentes neste lugar agraciado pela natureza, mas esquecido pelo homem.

Esta é como se fosse uma viagem pelo tempo, onde pudemos compreender as diferenças entre conformismo e paciência, sabedoria e inteligência, excessos e equilíbrio. Uma relação gratificante e ao mesmo tempo assustadora, afinal, nos deparamos com um ritmo inverso ao que estamos acostumados a observar e a viver.

Contemplamos e sobrevivemos a realidade de Porto da Manga por quatro dias, tempo suficiente para aprendermos que apesar das dificuldades do caminho e dos problemas relatados pelos moradores da comunidade, tudo será válido. Ao meditarmos nas margens de um rio cercado por pessoas humildes, compreendemos que na vida tudo é capaz de se tornar aprendizado.

Seja bem vindo a essa aventura ao Pantanal e descubra os "retratos de uma comunidade isolada". ■



Marcopolo

ANDORINHA

EJZ-7810

ROTA PANTANAL

O ponto de partida da nossa aventura rumo ao Pantanal é Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul. Também conhecida por cidade morena, devido à cor avermelhada de sua terra, possui clima quente e dias ensolarados o que contribui para a baixa umidade do ar. Típico do Centro Oeste brasileiro, o tempo seco é intenso e agrava com as queimadas que acontecem na cidade.

Geralmente a viagem até a região pantaneira pode ser realizada de carro ou ônibus, utilizamos da segunda opção, a mais acessível dentro das nossas condições financeiras. Às 6h30min parte o primeiro ônibus da rodoviária municipal, localizada na Avenida Gury Marques, região próxima a saída para São Paulo. O veículo que possui ar-condicionado, distribuição de água e vidros com uma película escura para amenizar os efeitos do sol sobre a pele, proporciona aos seus passageiros comodidade e conforto.

As plataformas de embarque estavam tranquilas, e lá estávamos com nossas mochilas equipadas de acordo com as necessidades da pesquisa. Hora de seguir pela estrada rumo à planície pantaneira. Neste caso, havia a necessidade de comprarmos as passagens e contávamos com o funcionamento da máquina que processa os cartões de crédito bancário. Levamos pouco dinheiro em espécie e ao utilizarmos os cartões, nos deparamos com a imprecisão tecnológica do lugar e deste modo, encaramos o nosso primeiro problema.

Tomados pelo pessimismo, por alguns instantes tivemos a sensação que não embarcaríamos. Ainda no guichê, um desespero velado – identificado apenas nas trocas de olhares e na inquietação dos corpos – tomava conta de nós. Após várias tentativas com os cartões, finalmente as passagens foram adquiridas. A sensação de alívio transbordou naquele instante; celebramos o momento com alguns goles de café. O aroma da bebida foi potencializado pela satisfação em



saber que “aos trancos e barrancos” chegaríamos ao nosso destino.

Seguimos então até a zona de embarque, fizemos as identificações pessoais, das bagagens – como de praxe para um de nós, foi necessário uma tragada mais demorada no cigarro – e finalmente, subimos na condução que estava razoavelmente ocupada. Não há muitas recordações das pessoas que estavam à nossa volta, exceto pela jovem mãe acompanhada de uma criança de colo sentada logo atrás de nossas poltronas.

12

Pelo caminho observávamos as belas paisagens que, em determinados momentos, tornaram-se conflituosas como algumas regiões de terras devastadas e tomadas pela agropecuária, mas que contemplávamos em alguns tons esverdeados na paisagem, obra da natureza e eficiência divina deparadas ao longo rodovia BR-262.

Divididos entre os contrastes proporcionados pelos campos às margens da estrada, – que devido a nossa ansiedade, nos parecia infinita – seguimos com destino a cidade de Corumbá, conhecida como capital do Pantanal ou cidade branca, assim denominada devido ao teor de calcário que deixa a terra com uma coloração mais clara. A viagem feita de ônibus infelizmente proporciona uma visão parcial do trajeto, só conseguíamos observar as características naturais da região, com mais eficiência, ao longo das paradas feitas pelo motorista. Essas situações permitiam que os passageiros desembarcassem as bagagens e também, aqueles que esperavam à beira as estradas ou nos pontos específicos, se juntassem a nós.

Pouco mais de 450 quilômetros nos separavam da cultura do homem pantaneiro que, levou séculos para se construir e algumas décadas para ser esquecida. Percorremos o caminho deixando para trás as imensas armações de

concreto que invadem o céu e desafiam a natureza, elementos que se tornaram símbolos das cidades modernas. Partimos em busca de uma realidade distinta, a fim de estabelecer e conhecer uma ligação entre o homem e a natureza. Sim, aquela relação cujos valores são impossíveis de serem calculados e muito menos passíveis de se mensurar.

Durante o percurso, passamos por quatro cidades, a primeira, Terenos, é um município que apresenta um clima pitoresco e que aos poucos é tomado pelo desenvolvimento, talvez um reflexo da proximidade e das influências da capital sul-mato-grossense.

Pouco mais de 100 quilômetros adiante, uma nova e bela paisagem se revelaria através da janela do ônibus. O sol daquela manhã já refletia sobre a serra de Piraputanga e Maracaju um cenário maravilhoso, visto das cidades de Anastácio e Aquidauana que são conhecidas como cidades natureza, devido à diversificação da fauna e flora que possuem. A região encanta com lugares que, além de proporcionar uma excelente vista da planície pantaneira, possibilita o desfrute dos rios e seus diversos pontos para mergulho e passeios ecológicos.

Percorrermos lugares tão distintos e atraentes, o que aumentava ainda mais o nosso desejo de chegar ao coração do Pantanal. Mas, em determinados momentos, este sentimento de euforia se ocultava e proporcionava espaço para o sono e o cansaço, afinal, a ansiedade da noite anterior e o desgaste com os preparativos da viagem foram demasiados. Após um breve cochilo entre



três horas de viagem, o ônibus fez uma parada na cidade de Miranda, onde os passageiros puderam descansar um pouco da viagem, tomar café, se alimentar e fazerem suas necessidades fisiológicas.

A cidade é banhada pelos rios Miranda e Aquidauana, que mantêm características marcantes da vegetação da Serra da Bodoquena – uma área de transição para o Pantanal – característica que torna a biodiversidade encantadora. Além da beleza natural e o turismo de pesca, Miranda possui a segunda maior população indígena do Estado, com grande influência das etnias Terena e Kadiweu. Fator que contribui para a formação e desenvolvimento cultural e artístico da cidade, através de suas danças, costumes, artesanato e tradições que chamam a atenção dos visitantes, agregando valor à cultura regional.

As expectativas aumentavam a cada quilômetro percorrido e do lado de fora observávamos uma paisagem seca, notava-se que a mais de dois meses que a chuva não caía sobre a região, aparentando um cenário de tristeza e frustração marcado pelo período de estiagem no Pantanal. Mesmo assim, em certas situações a natureza nos presenteava com algumas aves e animais silvestres, que buscavam os locais alagados que restaram da última enchente na planície.

14

Seguimos a viagem com os olhares atentos; erámos dois observadores divididos pelo mesmo sentimento, apesar de termos realizado anteriormente algumas viagens pela região, sabíamos que o Pantanal é sempre uma surpresa. Uma viagem nunca será igual às demais, pois a cada retorno encontraremos o ambiente modificado pelas diversas condições naturais e humanas, seja pela época – de cheia ou seca – ou pelas pessoas.

Passaram-se então mais algumas horas e quando estávamos nos aproximando do perímetro urbano de Corumbá, avistamos – próximo ao posto Lampião Aceso da Polícia Rodoviária Federal (PRF) – a entrada da Estrada Parque Pantanal (EPP), que percorreríamos para chegar à comunidade do Porto da Manga. No entanto, devido à falta de recursos, nosso planejamento logístico forçou o desembarque na cidade antes de seguirmos para a região pantaneira.

Deste modo aproveitamos para conhecer um pouco mais sobre a tradicional região, que traz os traços de sua miscigenação nos rostos de seus habitantes. Situada à margem esquerda do rio Paraguai – principal afluente da planície pantaneira –, Corumbá faz fronteira com a Bolívia e também com o Paraguai, situação fundamental para a diversidade étnica e cultural de sua população.

Com aproximadamente 65 mil km² Corumbá abriga 60% do território do Pantanal, sendo o primeiro polo de desenvolvimento da região. Contudo, algumas das características – como as ruas de paralelepípedo e as construções do século passado, que guardam em seus traços arquitetônicos a herança cultural de seus desbravadores – tornam-se marcantes para todos que a conhecem.



Não impressionar-se com a frente do Porto Geral é algo impossível. A arquitetura das fachadas e das estruturas está ligada ao estilo neoclássico italiano, representada pelas cores fortes e vivas, que realçam os imponentes prédios históricos da cidade. Situação diferente de outras regiões brasileiras que preservam o romantismo do estilo colonial português.

As condições climáticas de Corumbá não eram diferentes da capital, talvez até pior, pois o calor estava intenso. Ao desembarcarmos a rodoviária nos transmitira um ar estranho, pombos davam voos rasantes por nossas cabeças e as pessoas que estavam por ali nos encaravam sem piedade, parecia estampado em nossos rostos que não pertencíamos ao lugar.

Pegamos um táxi ali mesmo e seguimos ao encontro dos técnicos e pesquisadores da Organização Não Governamental (ONG) Ecologia e Ação (ECOIA), que nos auxiliariam com o transporte até a comunidade, pois o trecho de estrada de chão até o local só é realizado com veículo particular, já que o transporte público até o destino final ainda é inviabilizado pela gestão pública.

No Porto Figueira, – local que abriga pequenas e grandes embarcações no rio Paraguai – nos aguardavam bem humorados, apesar da temperatura elevada os técnicos da Ecoa André Luiz Siqueira, Karla Karina Rocha e Rose Mary Araújo. Em uma conversa anterior, havíamos combinado como seria realizada nossa viagem. Eles, que chegariam até Corumbá com um automóvel alugado, nos encontrariam no porto, e depois seguiriam o roteiro de barco até a Serra do Amolar, – localizada a 240 km de Corumbá pelo rio Paraguai – e nós seguiríamos com o carro deles para a comunidade do Porto da Manga.

Porém, após diversas tentativas o motor da embarcação não funcionou e, por sua vez, não poderíamos pegar o carro para seguirmos até a comunidade pantaneira. Tivemos de pernoitar na cidade e esperar o conserto – que ficaria



pronta pela madrugada – e com um golpe de sorte, conseguimos um desconto significativo no hotel, afinal, estávamos com as finanças bem limitadas.

Após nos acomodarmos no hotel, saímos à procura de agências bancárias para resolvermos os problemas que envolviam nossos cartões e, como já era de se esperar, a decepção só aumentou. O atendimento ao público já estava encerrado e por telefone não era possível obter qualquer solução. Neste momento, o nosso consolo era um banho demorado para aliviar a forte temperatura da cidade e o cansaço de nossos corpos.

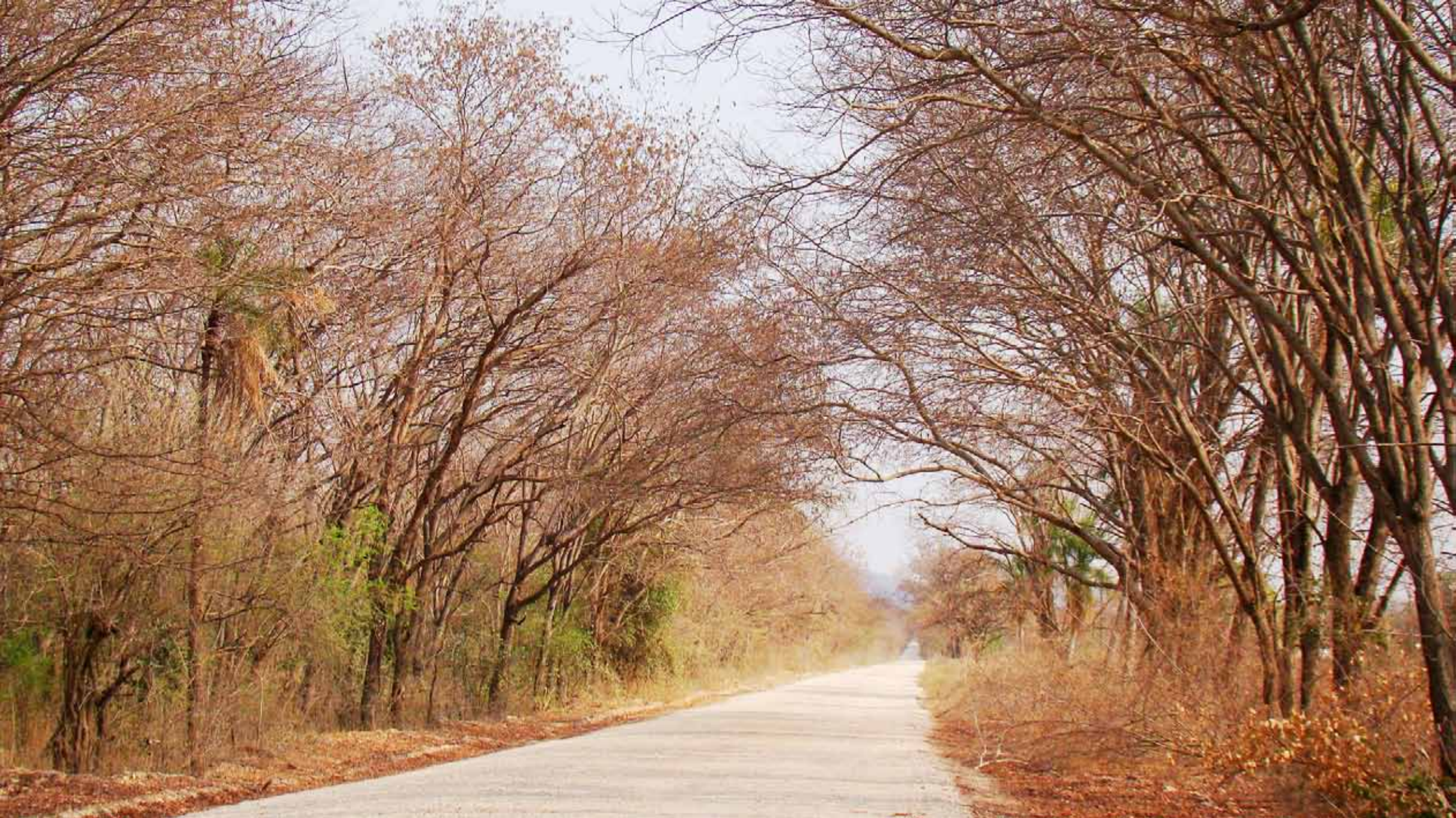
O tempo passou devagar e pudemos acompanhar um maravilhoso por do sol próximo ao Porto Geral, que por sinal, nos transmitiu uma diferente ótica sobre a cidade. Momento este que só não foi superior ao incômodo dos mosquitos – pernilongos cruéis que não perdoam qualquer vestimenta – que sugaram-nos o sangue até mesmo por cima do jeans.

Cansados com os desgastes do dia, fomos nos deitar e antes mesmo do primeiro raio de sol despontar, mais precisamente às 4h30min, todos já estávamos de pé organizando-se para partir. O cansaço era visível em nossos rostos abatidos, mas ninguém ousou reclamar. Com carro cheio, pois estávamos em cinco pessoas e muitas bagagens, seguimos novamente para o porto, ao chegar um novo susto: o motor novamente não queria funcionar.

Nossas expressões eram resumidas pelas faces aflitas somadas com a ansiedade e uma pontada de desespero. Não era apenas o fato da viagem ser adiada, mas sim uma combinação de fatores que causavam nossa inquietação: caso ficássemos mais um dia em Corumbá, como pagaríamos mais diárias no hotel? Eram sinais que coisas mais graves poderiam acontecer e não deveríamos prosseguir? E conseqüentemente nosso trabalho seria comprometido?

Mas, antes dos sentimentos negativistas se apoderarem de nós, ouvimos





18

um som imponente. Uma arrancada forte de algum motor e logo em seguida, soubemos que a chave geral da embarcação estava desligada e por isso, não funcionava absolutamente nada. A sensação de alívio tomou conta de nossas almas e expressões faciais. Não havia tempo para considerações, rapidamente ajudamos a descarregar as bagagens no barco, os abraços foram distribuídos juntamente com os desejos mútuos de boa sorte. Vimos a equipe, acompanhada pelo barqueiro que também exerce a função de guia, partirem rumo a Serra do Amolar.

Pegamos o automóvel – modelo Gol com motor 1.0, sem direção hidráulica, sem travas e vidros elétricos e sem ar-condicionado – e fomos rumo ao nosso destino: Porto da Manga. Antes, fizemos uma parada no posto para abastecer cinquenta reais de gasolina, comprar água e tomar um cappuccino, apenas o último regalo.

Voltamos então uns 10 quilômetros pela BR-262 sentido a Campo Grande, até o posto fiscal Lampião Aceso, onde está localizada o acesso da antiga Rodovia da Integração - MS 228 e conhecida atualmente como Estrada Parque Pantanal. Ela foi traçada originalmente por Marechal Cândido Rondon no final do século XIX, com o objetivo de ligar o interior da região de Corumbá à atual capital do Estado de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, que naquela época ainda pertencia ao estado de Mato Grosso.

Ao longo do trajeto sentíamos as pedras batendo no assoalho do carro, algumas vezes de forma suave e outras tão intensas, que dava a sensação que abriria um buraco no veículo. Não sabíamos o que era pior: a poeira em nossos

rostos, principalmente ocasionada pelo rastro de outros veículos, ou andar de vidros fechados e sucumbirmos no calor intenso. No entanto, essas frustrações eram superadas a cada instante de admiração quando nos deparávamos com alguma surpresa do Pantanal como animais selvagens ou pela formosa flora.

Nos deparamos com um nascer do sol encantador que só não agradou mais, devido a vegetação extremamente seca na beira da estrada. A Estrada Parque Pantanal possui 120 quilômetros de extensão e 71 pontes de madeiras de pequeno, médio e grande porte, que se tornaram atrativos por causa da rusticidade e autenticidade, mesmo que em determinadas épocas do ano – nos meses de janeiro a junho – fiquem submersas, interrompendo o acesso a comunidade, em razão do pulso natural de inundação na região pantaneira.

Lagos, corixos, rios, aves, ipês floridos e animais selvagens, são alguns dos diversos atrativos que se pode encontrar no percurso rumo à comunidade. Uma visão encantadora, mas que logo em seguida entristece, pois alguns locais foram tomados pelo fogo e parte da vegetação havia sido devastada, restando apenas cinzas e carcaças de animais mortos pelo caminho.

O trajeto pela Estrada Parque Pantanal nem sempre será belo ou fácil de seguir, mas com a absoluta certeza se tornará algo inesquecível para aqueles que tiverem o privilégio de conhecer. Uma viagem que é praticamente impossível de ser realizada sem algumas paradas, para os registros fotográficos e o deleite da vida selvagem. Um trecho de difícil acesso, mas que quando não está seco ou devastado pelo fogo, compensa qualquer desconforto devido a natureza exuberante em seu entorno.

Euforia e alívio eram nossos sentimentos ao avistarmos a placa indicando a



entrada de Porto da Manga e sem demoras, seguimos conforme era indicado. Após quase 60 quilômetros, só precisaríamos contornar o chamado “areião” para chegar à comunidade. E justamente neste local que encontramos mais um obstáculo; o veículo atolou. Naquele instante que o motor do carro gritava e as rodas se moviam, sem ao menos saírem do lugar, era desesperador, principalmente pela responsabilidade sobre um veículo que nos foi emprestado.

Tentamos puxar a areia com pedaços de pau e até com as próprias mãos, mas logo desistimos da ideia quando observamos que um cachorro defecava sossegadamente nela e também detectamos pedaços de vidros. O medo de uma infecção devido à falta de higiene falou mais alto e fomos buscar ajuda com alguém que tivesse um veículo com tração para nos puxar daquele lugar.

Foi então que conhecemos o primeiro sinal da receptividade dos moradores locais, que ao verem nossa situação se propuseram a nos ajudar, algumas em vão, mas que nos deixaram agradecidos. A solução só veio com a chegada



de um senhor, cujo todos chamam carinhosamente de “Del”. Morador da comunidade, ele toma conta de um dos bares da região e tem a disposição uma caminhonete Hillux de modelo antigo.

Fomos até o bar, pedimos ajuda e sem demoras, ele catou uma corda e seguiu rumo ao “areião” para nos auxiliar. Del

percebeu que a situação estava crítica, pois o seu veículo mesmo com um porte maior também atolou, no entanto, o poder da tração 4x4 fez toda diferença e ele conseguiu sair. Alinhou a caminhonete, fez os ajustes necessários e na primeira tentativa de tirar o nosso veículo a corda se rompeu. Sem perder tempo, ele pediu para um rapaz conseguir uma corda mais resistente e realizou uma segunda tentativa sendo extremamente eficaz.

Depois do ocorrido todos os envolvidos no resgate puderam rir da situação e terem uma bela prosa, logo em seguida, colocamos os nossos pertences na hospedagem na casa de um simpático senhor que atende pelo nome de



Adão. Organizamo-nos e começamos as primeiras atividades. Não demorou muito e dois vilões imbatíveis – a fome e a sede – começavam a nos atingir. Descobrimos então que não seria possível nos alimentar na pousada, pois a esposa do pescador, Eliene não teria tempo para fazer as refeições por conta do trabalho de coletora de iscas.

Traçamos um plano e cogitamos conversar com a dona do único hotel da comunidade para que fizesse um desconto para as refeições, afinal, cada uma delas custavam R\$ 35 reais. Não tivemos sucesso, porque ela só poderia nos dar um desconto de R\$ 10 reais para cada uma das refeições; fizemos as contas e era inviável para o dinheiro que tínhamos.

Foi então que, mais uma vez, contamos com o apoio dos moradores locais. Dividimos a nossa situação com o Del que sensibilizado, nos ofereceu as três refeições diárias de forma gratuita e os outros itens, como alimentos e bebidas, ele apontaria em uma espécie de conta para pagarmos depois.

Após tantos obstáculos, observamos que a nossa situação havia se estabilizado e então pudemos prosseguir com a nossa missão, que consistia até então em conhecer a comunidade pantaneira do Porto da Manga, conversar e conhecer seus moradores, que por sua vez, vão conduzir a narração dessa história de agora em diante. ■













TRAVESSA
MERCURIO

RUA
100



'MADE IN' BOLÍVIA

Deitado em uma rede debaixo de um pé de manga, está um homem de pele morena e de traços marcantes, que representa de maneira fidedigna, o jeito pantaneiro de ser. Ouvindo um radinho de pilha e repousando o seu corpo, na companhia de um fiel amigo – um cão vira-latas – que ao observar qualquer movimentação, levanta a cabeça com olhar tristonho, solta um pequeno latido rouco e avisa ao seu dono que é chegada alguma visita.

Nascido na cidade boliviana de Santa Cruz de La Sierra, Jesuíno de Arruda, mais conhecido como "Juruna" pelos moradores do Porto da Manga, tem 56 anos de idade e sua face é uma grande representatividade da miscigenação étnica e cultural do Pantanal. O senhor que chegou ao Brasil, mais especificamente na Serra do Amolar, distante cerca de 240 quilômetros de Corumbá ao norte do rio Paraguai, com apenas cinco anos, veio acompanhado da irmã mais velha, que casou-se e esta terra escolheu vir morar. Atualmente, Juruna completa 35 anos de moradia na comunidade e integra o grupo de habitantes que a mais tempo residem no local.

Aos sete anos o descontentamento tomou conta da sua vida e o guiou para algumas andanças, escolhas estas que o fizeram perder o contato com a sua família, sendo o reencontro ocorrido somente depois de passado 30 anos de vida. Esse homem que um dia foi militar e trabalhou no moinho vendendo produtos alimentícios em Corumbá, chegou a ser piloto de barcos e atualmente faz coleta de iscas.

Com uma imensa serenidade, brilho nos olhos e os gestos suaves das mãos rústicas que pertencem aos legítimos pantaneiros e que jamais passam despercebidos, Juruna não se imaginam vivendo em outro lugar. Pois, foi ali que depois de uma vida andarilha, ele escolheu uma família constituir,

sintetizando o sentimento de respeito, amor, acolhimento e união existentes nos corações dos ribeirinhos.

– Meu lugar é o Pantanal! – proclama o simples pantaneiro.

Mesmo que tenha nascido em outro lugar, o senhor de jeito calmo e voz suave, não pensa duas vezes antes de declarar o seu amor ao Pantanal. Um lugar que, mesmo para quem já o conhece, é extremamente encantador e sempre proporciona algo diferente para se conhecer. Uma região tão incomum quanto as suas características, sejam elas ambientais, humanas ou culturais.

Conhecida por ser a maior planície alagável do planeta e reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) como patrimônio da humanidade, a vida na região pantaneira é algo surpreendente, sua formação vegetal recebe influência da floresta Amazônica ao norte, do Chaco no sudoeste e da Mata Atlântica e Cerrado, em seu contorno pela região norte e leste.

Sua riqueza ambiental e as belezas de suas paisagens naturais permitem uma variabilidade de espécies muito grande, resultante das influências climáticas, das características dos rios e de seus respectivos fluxos hídricos, tornando-o único e maravilhoso.



Ocupando uma área de 210 mil km², situada sobre uma enorme depressão cuja altitude não ultrapassa os 100 metros em relação ao nível do mar, o Pantanal possui uma inundação periódica reconhecida em âmbito nacional e internacional pela exuberância de sua biodiversidade, o que atrai e encanta quem tem o privilégio de conhecer a região. Características que fizeram o coletor de iscas permanecer neste lugar.

– Aqui é bom. Aqui você não passa fome, só passa fome se ‘quisé’. Né? O bom que aqui tem área livre, não é poluído. Não tem negócio de ladrão, na cidade você já trabalha com medo – explicou o pantaneiro Juruna.

Paisagens impressionantes encantam não só os olhos, mas também a alma e o coração. Mesmo em um período seco, típico da estação de inverno, alguns ipês – de colorações rosas ou amarelas – desafiam o tempo e precocemente florescem, completando o cenário que mais parece uma pintura da natureza emoldurada pelo tempo. Cores estas que entram em contraste com o tom cinza espalhado pelo céu, juntamente com as árvores secas que rodeiam o caminho e servem de abrigo para as aves construírem seus ninhos.



A coleta de iscas depende diretamente do ciclo natural no

Pantanal, ou seja, quanto mais chuvas ocorrerem e mais intensas forem às cheias conseqüentemente, haverá mais iscas para serem coletadas e que aumentará a renda dos moradores. Juruna gosta de trabalhar solitário e nunca se esquece de agradecer a natureza pelo que ela proporciona.

Dono de um conhecimento popular, o pantaneiro sabe que o ecossistema deve ser tratado com carinho devido a grande sensibilidade, pois se a natureza sofre a comunidade também carrega as conseqüências desse sofrimento.

– Esse ano ‘ta’ muito seco e isso ‘num’ é ‘bão’ aqui ‘pra nós’. A gente prefere a cheia, que aí tem mais isca, turista pra compra e num tem essas queimadas, porque isso é ruim até ‘pa respirá’ – enfatiza Juruna.

Registrada na memória do coletor de iscas, está uma parte do passado da comunidade. Ele se recorda com facilidade da grande enchente de 1975, que foi capaz de empobrecer muitos pecuaristas na região e destruir as casas de palafitas dos ribeirinhos. Também se lembra da chegada do senhor Vitoriano Sório – mais conhecido como “Cambalito” – que construiu no Porto da Manga, durante a década de 1980, seis quartos e uma cozinha, dando início ao turismo na comunidade. Época de prosperidade, conquista pela visita frequente de turistas e pela fartura na pesca, lembrando que a coleta de iscas vivas começou a cerca de 10 anos na região.



Mas, Juruna também presenciou nos últimos anos o declínio das atividades no Porto da Manga, devido a falta de estrutura para recepção dos turistas, a escassez dos peixes – ocasionada pelas estiagens cada vez mais prolongadas – e a falta de consciência ecológica dos próprios ribeirinhos. Eram os indícios do isolamento que a comunidade começa a vivenciar. Observou famílias inteiras partirem em busca de condições melhores de vida, pois já não se contentavam com o pequeno auxílio financeiro dado pela prefeitura de Corumbá, durante os períodos de proibição da pesca, e as cestas básicas limitadas em produtos e mal distribuídas entre os moradores.

Apesar de todas as dificuldades e conflitos lá existentes, este homem criado na beira do rio, não consegue se imaginar longe do Pantanal e da comunidade.

– Não! Eu posso até sair só se for pra passear. [...] Aqui é bom! Aqui você não passa fome, você só passa fome se ‘quisé’. O meu lugar é o Pantanal! – declara com firmeza o pantaneiro.

Um lugar onde a vida depende da natureza e onde todos respeitam suas características naturais, sabedoria esta que só se consegue adquirir com o tempo. Pantanal e pantaneiros se transformam em um só elemento, a mais completa fusão do homem com a natureza, pois o ambiente e as pessoas que vivem na região dependem uns dos outros. É a mais perfeita simbiose¹, uma relação mútua que faz do Pantanal um lugar fascinante.

¹ Termo da biologia que descreve a relação entre dois seres vivos que trocam benefícios entre si.



Características naturais do Pantanal

Nas regiões pantaneiras a característica natural mais marcante está ligada ao pulso de inundações, ou seja, o período de cheia e vazante das águas do planalto que seguem para a planície. Um ciclo de renovação da vida, representados pelos delicados movimentos das águas, que percorrem por uma declividade suave do norte para o sul. Embora a estação de enchente seja sazonal, a cheia é variável devido à quantidade de água proveniente do fluxo que chega da parte mais alta.

Durante o período de nível alto das águas, o fluxo se move lentamente para a planície interligando através de corixos e vazantes o preenchimento de baías e rios, exercendo um fascínio surpreendente. O ciclo de inundação pode ser demorado, levando até seis meses para que as águas inundarem a planície. Assim é o Pantanal, uma corrente contínua da vida que segue sem pressa e com muita delicadeza, vivenciando constantemente uma transformação.

Característica que pode sofrer interferência provocada pelas chuvas locais, que ocasionam uma inundação mais rara e específica, diferente da enchente sazonal tipicamente pantaneira, é o espetáculo onde os rios transbordam suas margens e levam a representação da natureza por todo o seu território. Este ciclo hidrológico e a dinâmica hídrica da região são condicionantes fundamentais para garantir todo o funcionamento ecológico da biodiversidade, que mantêm a vida no ecossistema e proporcionam uma beleza sem igual; assim acontece a vida na mais importante área úmida planeta. ■











MANGA D'ÁGUA

Um senhor não esconde o sorriso, ainda que singelo, em meio as fortes linhas de expressão e a pele castigada pelo sol, consequências do trabalho exaustivo de doze horas diárias, navegando de um lado ao outro no rio. Algumas vezes os olhos ficavam levemente avermelhados pela vontade de chorar, ao lembrar de algumas situações ocorridas em sua vida.

Vitor Constantino, o balseiro que chegara 'na manga' aos sete anos de idade, conta sua história enquanto comanda a balsa, atividade que executa com prazer e sabedoria. Quando criança sofreu a perda precoce de seus pais e sem muita escolha, foi morar com o padrinho, homem que o espancava a ponto de fazer com que a vontade de fugir daquela vida lhe desse coragem para descer o rio Paraguai sozinho, pois o desejo de uma vida melhor era superior aos seus medos.

Com um tom de voz firme e ao mesmo tempo doce, surgirá então uma breve demonstração, quase imperceptível, de gratidão e amor ao povo do Porto da Manga. Lugar onde ele e mais 35 famílias, aproximadamente, escolheram como lar – alguns nascidos e criados por ali, outros que chegaram por acaso – decidiram naquele solo fixarem suas residências.

Apesar de já ser aposentado e com uma família bem formada, o velho balseiro trabalha duramente para proporcionar as suas quatro filhas os estudos necessários. Ele sempre acreditou que apenas através da educação, as suas filhas conquistariam um futuro melhor. Depois de tanto esforço e de sentir o cansaço da idade pesar, Vitor Constantino não abandona o ofício que aprendeu desde muito cedo e do qual fala com orgulho.

Um trabalho cansativo feito com sua fiel parceira, – a balsa – seja o que for ou quem desejar atravessar o rio Paraguai, ele estará sempre à disposição.



Mesmo sabendo das dificuldades e das melhorias necessárias na comunidade, o simpático senhor diz que a gratidão e o amor àquele lugar são difíceis de descrever e impossíveis de mensurar.

40

– Foi aqui que eu me tornei homem, onde eu aprendi muito. Tudo que eu sei hoje, eu devo as pessoas que conheci aqui ‘na manga’. Eu poderia ficar em casa descansando, mas é isso aqui, este trabalho, que me faz viver – descreve o senhor Vitor Constantino.

Seja qual for a razão, se por consequência, escolha ou destino, todos foram, são e serão sempre bem recebidos, como se fizessem parte de uma grande família. Uma receptividade sincera que encanta quem chega ao local; uma sensação única que jamais será igualmente vivida. Conhecer a comunidade é sentir-se como parte daquele lugar – abençoado pela natureza e beneficiado com a simplicidade, respeito e honestidade de seus moradores.

Onde os verdadeiros laços fazem da amizade e do sentimento que se cria e que aos poucos se conquista, a simpatia e o carisma deste povo é algo raro de se encontrar hoje em dia. Não importa a origem, o homem pantaneiro tem como sua principal característica o aconchego familiar. Terra de um povo miscigenado, e que apesar de alguns conflitos, colocam o respeito em primeiro lugar.

Habitado há centenas de anos, explorado por homens e mulheres que fizeram do porto abarrotado por manguezais, um ponto de acolhida – seja para os aventureiros ou peões, pescadores e também fazendeiros – todos contribuíram para a sabedoria e o conhecimento daqueles que hoje são chamados de povo pantaneiro. Apesar de alguns moradores relatarem que

a região era repleta de mangueiras, o nome da comunidade é originado do antigo cais de concreto que não possui, atualmente, qualquer equipamento ou atividade, restando apenas a “manga” ou curral, lugar no qual eram realizados embarques e desembarques de gado.

Marechal Cândido Rondon, é o mais conhecido aventureiro e desbravador da região, acompanhado por suas comitivas, percorreu as terras de Corumbá e o caminho natural constituído pelo rio, empenhando-se em expandir a rede telegráfica nacional, com o objetivo de contribuir para o avanço no interior do país.

Sua coragem permitiu o desenvolvimento de muitas regiões, até então desconhecidas, pois levou a civilização através da ferrovia e do telégrafo proporcionando a utilização produtiva e econômica das terras, agregando valor para o espaço natural. O que antes era apenas espaço vazio e improdutivo tornou-se algo rentável e comercializável.

Ainda hoje é possível ver na comunidade o antigo posto teleográfico instalado pela Comissão Rondon, – que atualmente encontra-se desativado, mas que ainda mantém sua arquitetura típica – feita sobre uma estrutura de estacas de madeira, mais conhecida como palafita, para evitar que durante os períodos de cheias a água não atinja o interior da casa.

Graças à migração dos moradores das cidades de Corumbá e Ladário, que enfrentavam problemas ocasionados pela falta de emprego, o lugarejo aos poucos foi povoado.

Hoje o local tornou-se um importante ponto turístico devido à pesca e a exuberância das belezas naturais da região, além de continuar com a antiga travessia de balsa com um rebocador.

Vitor Constantino lembra que na década de 1980 a situação em Porto da Manga era diferente. Durante esse período houve uma ascensão no turismo de

pesca no Pantanal, desencadeando uma demanda maior por iscas vivas. Situação que possibilitou a população local uma nova frente de trabalho, que até então era pouco explorada comercialmente, concretizando a atividade dos coletores de iscas e conseqüentemente muitas pessoas resolveram se estabelecer na comunidade.



– Isso aqui já foi muito lindo, tinha muita água, muito peixe e era turista pra tudo ‘quanté’ lado. Agora ‘tá’ assim, esquecida – recorda com saudade o experiente balseiro.

Os moradores de Porto da Manga – apesar das dificuldades enfrentadas pela falta de assistência pública – são dotados de muita receptividade e cooperação. Povo que enxerga a vida com simplicidade, divididos entre sonhos e frustrações. Cansados de cobrar – o que lhes são de direito –, mas que não se conformam com a atual situação em que vivem.

– Eu achava que deveria ter mais respeito pela comunidade. Coitados! A comunidade merece. Todo mundo é trabalhador! – reflexão que salienta o descontentamento do balseiro com as condições do Porto da Manga.

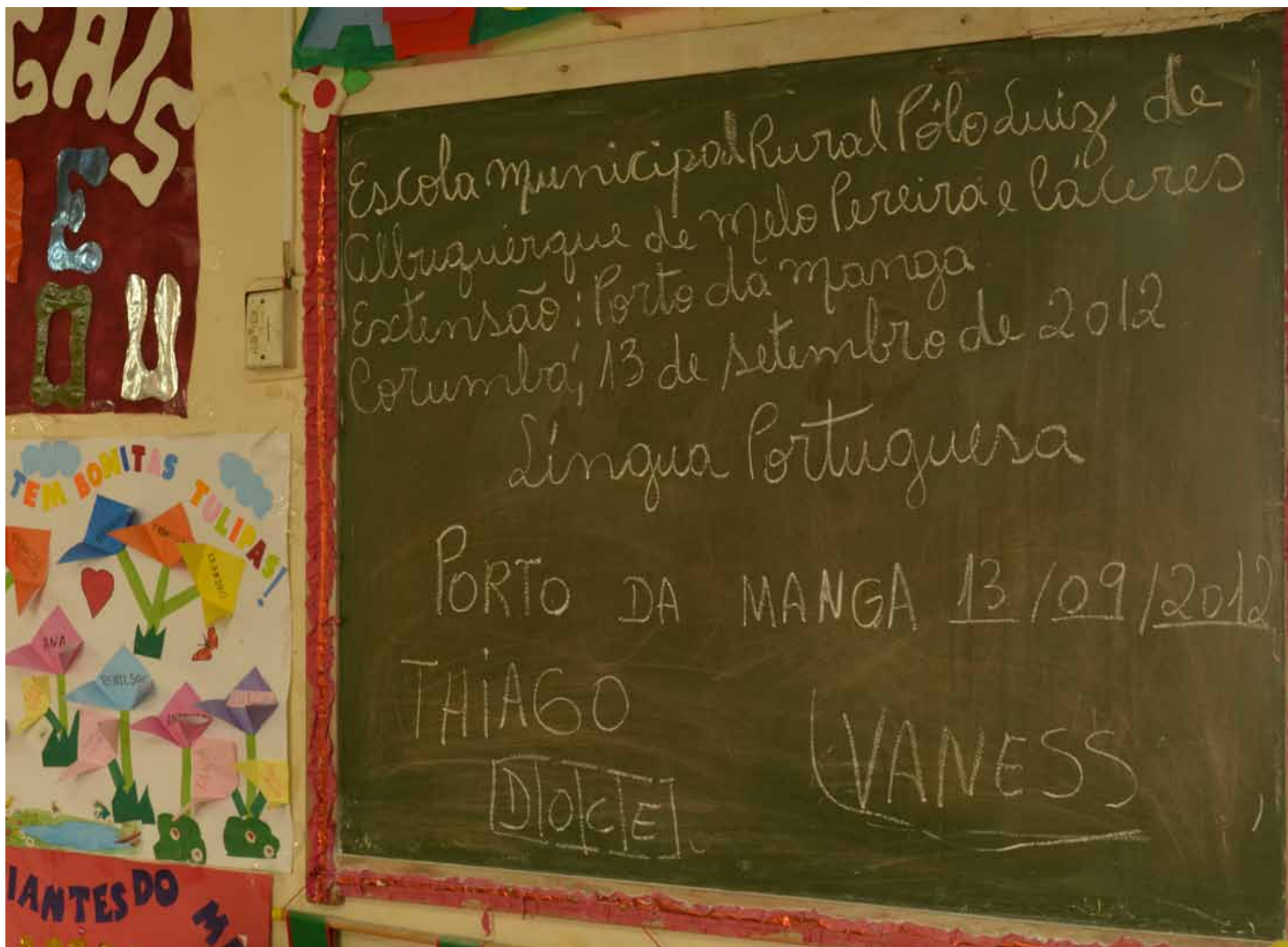
Mesmo assim, eles levam suas vidas adiante, apesar da situação extremamente humilde em que muitos vivem, o amor dos povos das águas pela região pantaneira e pela comunidade é algo incondicional. Um lugar marcado por culturas diferentes e ao mesmo tempo tão tradicionais dotados de uma receptividade sem qualquer interesse, um tanto quanto inocente são pessoas simples que apesar dos problemas enfrentados, revelam a beleza da naturalidade e singeleza de seus sentimentos. ■



















OLHOS DO PANTANAL

Eliene Garcia, senhora de jeito tímido, acolhedor e com os movimentos corporais bastante suaves, é a dona de olhos brilhantes e coloridos por um verde bastante intenso, assim como as folhas das frondosas árvores que surgem após os períodos de cheias no Pantanal, e que também contrastam com a estiagem durante o inverno. As esferas cintilantes presentes na face daquela mulher são uma espécie de representação dos olhos singelos do Pantanal.

Jovem senhora de pele bronzeada, com pequenas linhas de expressão no rosto, casada com um pescador e mãe de três filhos, duas meninas e um menino. Após uma reforma – conquistada com anos de trabalho como coletora de iscas – abriu as portas de sua casa para acolher os turistas e complementar a renda da família com a simples pousada. Moradora de um lugar onde todos seguem um padrão de vida que obedece a um sossego natural. Local onde o tempo é regido pelo ciclo das águas e também pela intensidade da luz do sol, sendo o relógio um item facilmente dispensável.

Em um dia quente, no qual os pássaros cantavam sem cerimônias, a guardiã dos olhos do Pantanal encontrava-se sentada na varanda de sua casa. Restavam no ambiente os adereços de uma festa religiosa, com bandeirinhas penduradas no telhado e sobre a mesa, estavam as imagens de santas adornadas com algumas flores e que chamavam a atenção da mulher. Durante alguns momentos, Eliene olhava rapidamente para as santas como se estivesse tomada por uma áurea diferente.

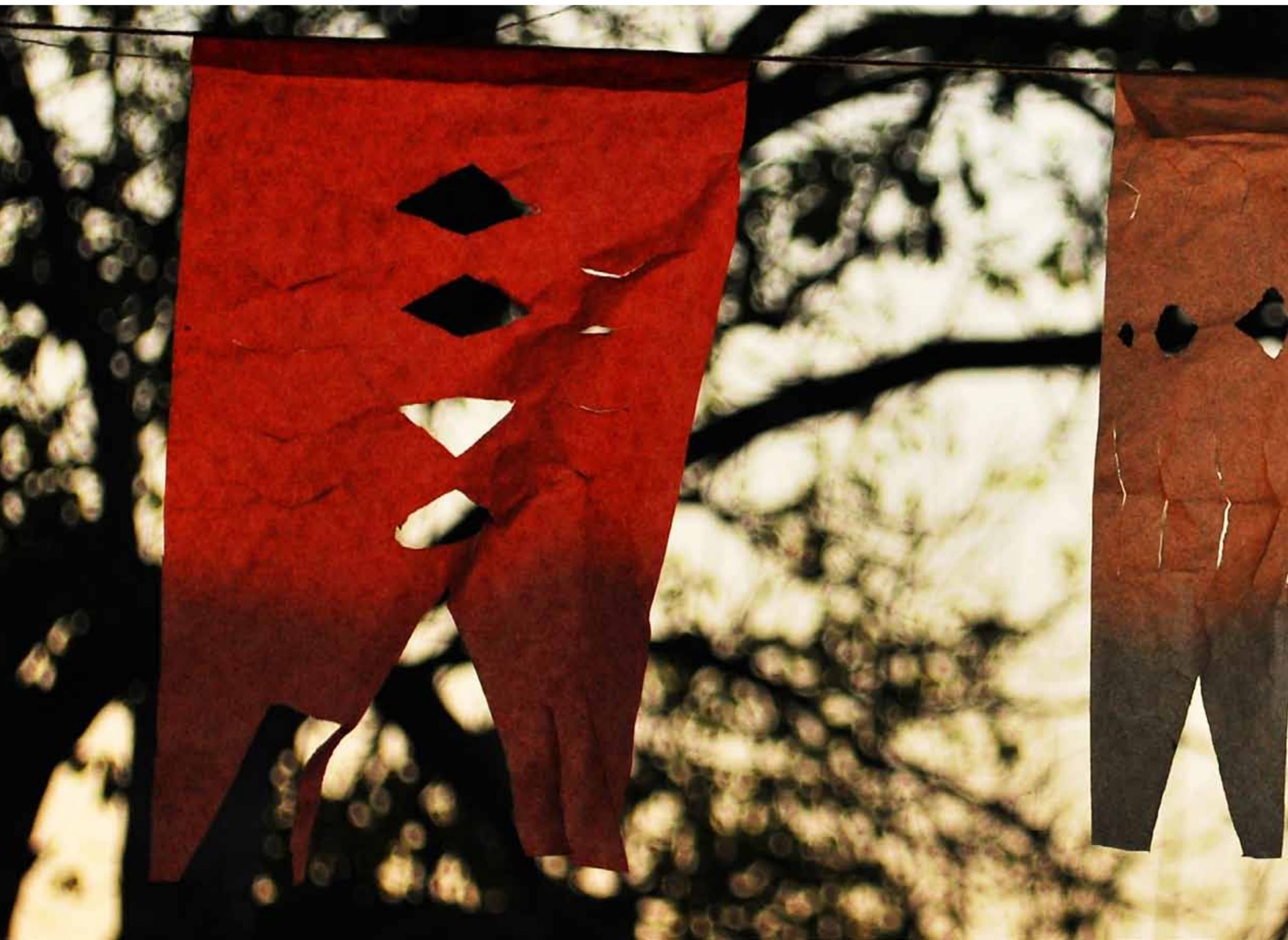
Lembrando-se de uma época em que os pantaneiros de Porto da Manga, mais especificamente em 2007, eram guiados apenas pelas luzes do sol, da lua e das velas. Situação que foi transformada com a chegada da energia elétrica. Uma conquista que facilitou e proporcionou mais comodidade e qualidade de vida aos moradores.

– A energia foi bom também, não tinha né? Era só vela, motor de luz, mas às vezes ele dava ‘probréma’ de noite e não ligava, era complicado – declara a jovem senhora.

Dona de uma sabedoria e uma simpatia sem igual, a senhora representa a típica receptividade pantaneira, pois acolhe seus hospedes em sua humilde hospedagem, de maneira tão simplista e gentil a ponto de se sentirem como membros da família.

As palavras que soaram da coletora de iscas revelaram sobre a cultura dos moradores da comunidade, compartilhada principalmente nas rodas de tereré, na companhia de amigos, familiares e também com os turistas. Típica do território sul-mato-grossense, a bebida feita a base de erva-mate e água gelada com a finalidade de saciar a sede, é o elemento que se tem de mais comum em todo o Estado e ainda sim, é capaz de preservar as características peculiares de cada local. Um exemplo são as diferenças entre o consumo da bebida na capital morena e na comunidade pantaneira.

Campo Grande adicionou uma pitada de modernidade a bebida, através de ervas aromatizadas e com a substituição da água por sucos, refrigerantes e até mesmo bebidas alcoólicas. Apesar de ser uma capital bem arborizada, ela compartilha com seus habitantes os contrastes do céu azul e as aparições



repentinamente de animais como araras, tucanos e capivaras com os prédios acinzentados e o acúmulo de carros pelas ruas.

Porém, no Pantanal os ribeirinhos ainda preservam a rusticidade do tereré e a vivência com natureza em seu formato mais pleno, com as residências próximas ao rio Paraguai e alguns animais silvestres.

Os moradores também receberam algumas influências dos visitantes que só foram potencializadas, devido a chegada da energia elétrica na região. Por exemplo, os dias de festa ou as tardes da comunidade são animados, não pelo som da viola que propaga os ritmos da música sertaneja em seu estado mais bruto, mas sim pela playlist da jukebox². Enquanto houver pessoas bebendo e jogando sinuca, ela estará presente contagiando a região com seu repertório nacional e internacional.

Não há um manual ou uma lista de regras capazes de definir todo o conhecimento presente na cultura pantaneira, no entanto, a dona dos olhos verdes descrevera que o respeito aos mais velhos e a oralidade tão presentes naquele local, eram capazes de formarem os homens para que pudessem guiar seus destinos.

² Máquina que reproduz música ao inserir moedas



Despejava em doses homeopáticas detalhes de sua vida, como se soubesse que sua própria história estivesse entrelaçada com as raízes da comunidade.



Mantendo um padrão tranquilo na voz e na suavidade dos movimentos, Eliene conta que aprendeu o ofício de isqueira³ observando os mais velhos, mais precisamente com a finada sogra e os companheiros dela.

– Eu fui picada de arraia, mas agora eu com macacão não corro perigo. A gente vê as pessoas que não tem macacão correndo risco e ‘nóis’ de

macacão o jacaré vai morde e

vai fura, mas a borracha vai amortecer, né? A prefeitura trouxe macacão, mas é tudo descartável, não pode nem sentar no barco que ele rasga. Eu fico igual uma ‘estálta’ com medo de rasgar ele, eu só tenho ele mesmo – apesar dos breves risos, a coletora de iscas transparece um sentimento de temor pela vida durante o trabalho.

54

A mulher sabia como ninguém a sensação e os riscos de passar mais de oito horas com o corpo submerso nas águas do rio, durante a noite, enfrentando condições insalubres de trabalho. É bastante comum que os coletores de iscas sofram enfermidades – por exemplo, dermatites e problemas pulmonares – e fiquem a mercê de animais perigosos como os jacarés, as cobras, as arraias e as onças. São riscos enfrentados por se tratar, na maioria dos casos, da única fonte de renda das famílias que habitam a região.

No que diz respeito a comercialização das tuviras⁴, cujo os preços giram em torno de centavos e ficam armazenadas em galões de plástico, ela ocorre de forma direta – quando há a venda espontânea para o turista – ou através de intermediários, que são os representantes dos hotéis ou pousadas que compram dos ribeirinhos e depois revendem aos visitantes.

Como pantaneira que se preze ela repassou todo o seu conhecimento ao filho, um jovem de 22 anos. Com um pesar na voz e passando as mãos ligeiramente sobre o lado esquerdo do peito – como se sentisse a necessidade de acalmar o coração – sugerindo uma amostra de angústia, ela indicava que cumpriria a missão de repassar os seus saberes, mesmo que contra sua própria vontade.

– Esse ano eu fiz uma cirurgia, né? Aí ele começou. Porque eu levo três, quatro

³ Termo utilizado no Porto da Manga para sintetizar a atividade dos coletores de iscas.

⁴ Pequenos peixes de hábitos noturnos, utilizados principalmente como iscas vivas na pesca esportiva

rapazes pra catar isca comigo, aí eu parei. Daí ele ficou no meu lugar indo e levando os meninos. Daí ele gostou e daí ele vai. Mas eu não quero não! É um serviço muito sofrido e arriscado, se ele achar um serviço melhor eu quero que ele pegue o serviço. Eu não quero que... ele é novo, bem novinho, é um serviço muito arriscado, muito sofrido – afirma dona Eliene Garcia.

Revelou-se então, naquele momento, um sentimento contraditório entre as gerações. Pois, a vontade de que o filho encontrasse uma condição de vida melhor em outro lugar, e que não seguisse um destino de riscos e com a ausência de perspectivas ficara explícito com as palavras da mulher.

Um ideal contrário ao da finada sogra, que sempre quis a família sobre seus domínios e proteção, em qualquer circunstância. Eliene deixará claro então, que os moradores mais antigos sentiam que suas raízes estavam fixas em Porto da Manga, mas as novas gerações, que possuem um espírito tipicamente aventureiro, desejavam desbravar a cidade, sentirem a correria da capital e de outros centros urbanos de Mato Grosso do Sul. No entanto, não importa o quão longe os ribeirinhos estejam e qual a idade tenham, o magnetismo do Pantanal sempre há de provocar um retorno às origens.

Tomada por seus pensamentos, durante alguns instantes houve um breve silêncio, quebrado apenas pelo canto dos pássaros e pelo porco de estimação de um dos moradores, que teimava em acompanhar a sabatina.

55

Com o corpo relaxado em uma das cadeiras, ao ser questionada sobre a vontade de algum dia sair da comunidade e ir para a cidade definitivamente, a dona daqueles intensos olhos verdes não hesitou em responder categoricamente:

- Eu tenho casa lá em Corumbá. Mas, só vou pra ir no médico ou alguma outra coisa. Eu vou lá daí eu volto. Passou uns três dias 'nóis' vem embora de volta. Meu



lugar é aqui, eu gosto de ficar aqui. A tranquilidade, o serviço a gente acostuma né? As amizades. Aqui é melhor, eu gosto mais daqui! – ressalta com veemência na voz a simples isqueira.

Em um estalar de dedos, ficou compreendido que já não há espaço para uma comunidade tão rústica e de jeito de ser caipira, como estão explícitos os protótipos documentários televisivos. Uma nova realidade se instalou na vida destes pantaneiros, a comunidade foi modificada pela chegada da energia elétrica e do posto telefônico – além do limitado sinal para celulares –, mas ainda se esforça para manter os valores como simplicidade, acolhimento, respeito aos mais velhos e o amor à natureza, além de preservarem a própria identidade cultural.

Talvez uma consequência do turismo, das idas e vindas dos moradores para as cidades; que chegam trazendo em suas bagagens as sementes do mundo exterior e acabam deixando-as na comunidade, para que sejam cultivadas.

Mesmo assim, é inevitável a transformação feita com tamanha sabedoria e representatividade repassada por aqueles que são não só os olhos, mas também o coração do Pantanal. A senhora então levantou-se do conforto de sua cadeira e seguiu para o centro de iscas da comunidade, pois ainda era cedo e havia muito trabalho para se fazer.

56 Enquanto a atmosfera ganhava novos ares e o céu apesar do tom acinzentado, ficara mais belo com os raios alaranjados e avermelhados do sol, aos poucos o semblante daquela mulher de coragem desaparecia a cada passo que seguia em direção as margens do rio.

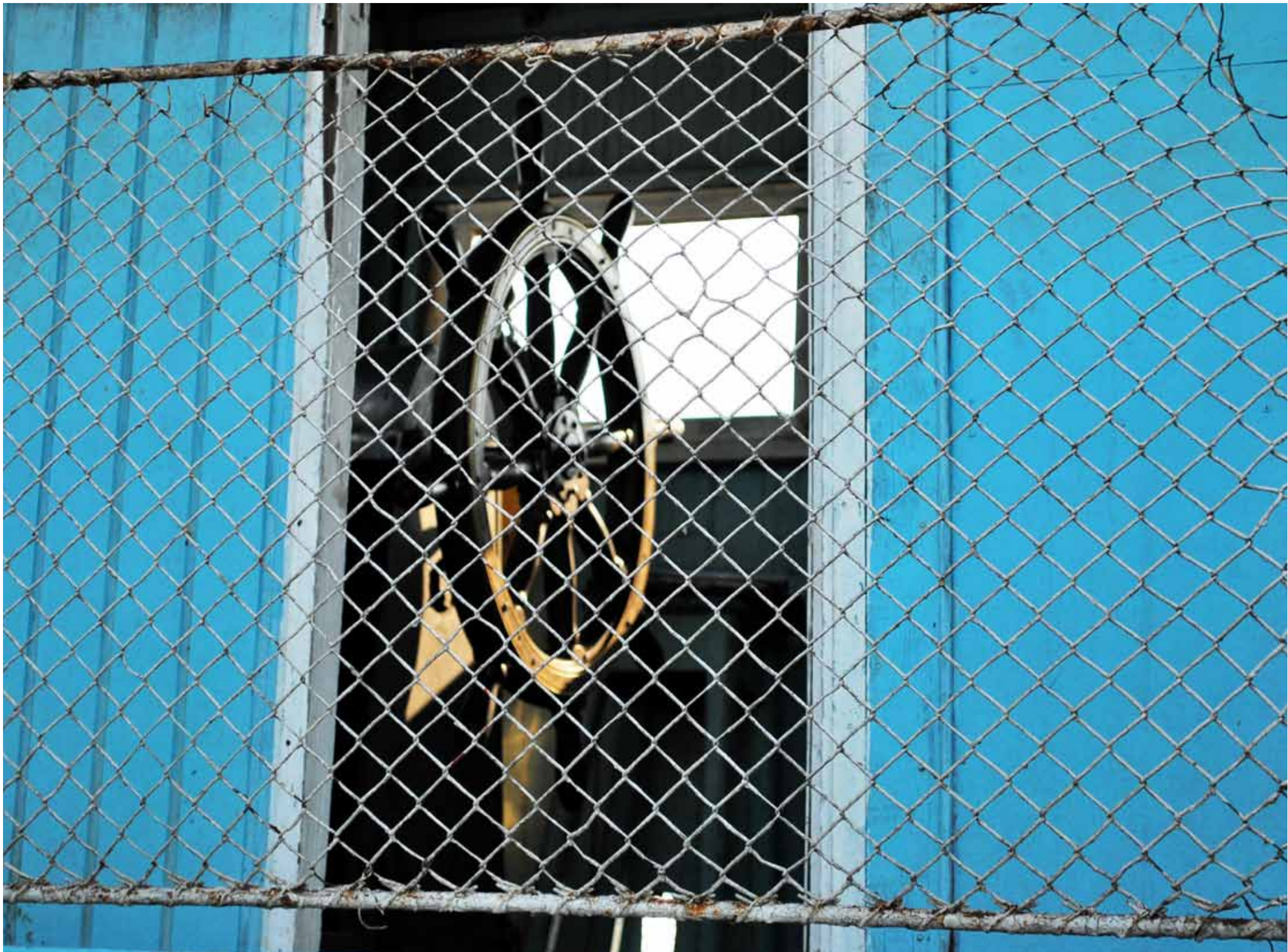
Restaram-se então as lembranças de uma cultura fascinante. Uma semente entregue por aquele lugar aos visitantes que recebem a missão: vão e distribuam com os seus o nosso sentimento. ■















MITO DAS ÁGUAS

No limite entre a fantasia e a realidade vive um povo que segue o ciclo das águas. O rio Paraguai é um gigante que desperta nos meses de chuvas intensas e encobre toda forma de vida no Pantanal, com exceção de algumas casas cujas estruturas são altas e resistentes. Durante o período de seca, esse gigante adormece, permitindo que o tempo quente e o sol forte tomem conta da comunidade.

Dona Maria do Carmo é a moradora mais antiga do Porto da Manga, no auge dos 77 anos, sentada em uma cadeira de plástico em frente a sua residência modesta, com os pés descalços sobre a areia, observava com certa desconfiança a movimentação da comunidade. Parecia algum presságio. A pele castigada pelo sol e as fortes linhas de expressão davam os indícios de alguém que trabalhou por toda a vida, a voz rouca e de difícil compreensão ditavam o tom da prosa.

Em uma tarde quente, acompanhada de algumas crianças e de outras duas senhoras mais jovens, tendo ao seu lado um cão que se coçava a todo instante, Maria do Carmo fixava os olhos negros e místicos em algo que ninguém era capaz de enxergar. Com tranquilidade, aos poucos a anciã revelava-se conhecedora dos mistérios pantaneiros, afinal, conhecia com as palmas das mãos cada ponto daquela comunidade desde 1948, ano em que fixou moradia lá.

Com picos de gargalhadas que não pareciam deboches, mas sim uma forma de retirar a seriedade das palavras e não amedrontar os ouvintes, a idosa retirou do fundo da sua mente o conto do minhocão. Um ser de grandes proporções, que se movimenta nas águas e nos solos deixando sulcos por onde passa, criatura de temperamento agressivo, capaz de derrubar árvores e embarcações. Ninguém jamais teve a ousadia de encará-lo, no entanto, o temor sobre ao desconhecido é tão intenso que a senhora não admite enquadrá-lo nos contos de pescador. Com tom de ironia e o olhar penetrante, Maria do Carmo salienta:

No limite entre a fantasia e a realidade vive um povo que segue o ciclo das águas. O rio Paraguai é um gigante que desperta nos meses de chuvas intensas e encobre toda forma de vida no Pantanal, com exceção de algumas casas cujas estruturas são altas e resistentes. Durante o período de seca, esse gigante adormece, permitindo que o tempo quente e o sol forte tomem conta da comunidade.

Dona Maria do Carmo é a moradora mais antiga do Porto da Manga, no auge dos 77 anos, sentada em uma cadeira de plástico em frente a sua residência modesta,



com os pés descalços sobre a areia, observava com certa desconfiança a movimentação da comunidade. Parecia algum presságio. A pele castigada pelo sol e as fortes linhas de expressão davam os indícios de alguém que trabalhou por toda a vida, a voz rouca e de difícil compreensão ditavam o tom da prosa.

Em uma tarde quente, acompanhada de algumas crianças e de outras duas senhoras mais jovens, tendo ao seu lado um cão que se coçava a todo instante, Maria do Carmo fixava os olhos negros e místicos em algo que ninguém era capaz de enxergar. Com tranquilidade, aos poucos a anciã revelava-se conhecedora dos mistérios pantaneiros, afinal, conhecia com as palmas das mãos cada ponto daquela comunidade desde 1948, ano em que fixou moradia lá.

Com picos de gargalhadas que não pareciam deboches, mas sim uma forma de retirar a seriedade das palavras e não amedrontar os ouvintes, a idosa retirou do fundo da sua mente o conto do minhocão. Um ser de grandes proporções, que se movimenta nas águas e nos solos deixando sulcos por onde passa, criatura de temperamento agressivo, capaz de derrubar árvores e embarcações. Ninguém jamais teve a ousadia de encará-lo, no entanto, o temor sobre ao desconhecido é tão intenso que a senhora não admite enquadrá-lo nos contos de pescador. Com tom de ironia e o olhar penetrante, Maria do Carmo salienta:

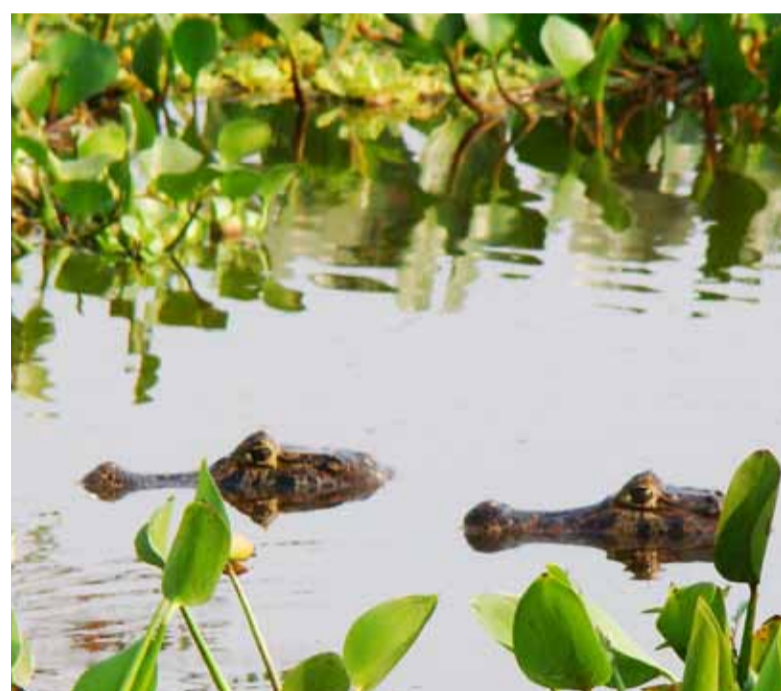
– Turista e gringo é besta! Tem mais bicho na água do que fios de cabelo em nossas cabeças. Tem cada coisa que você num conhece, que você não viu!

O pensamento é democrático, assim como as opiniões. Cada pessoa tem o direito de discordar e acreditar no que bem entender e o pescador Adão Arruda, optou em crer na racionalidade e no conhecimento adquirido ao longo dos seus 52 anos de

existência. Nos 21 anos residindo na comunidade ele tem uma opinião bem formada sobre as histórias que rondam e caracterizam a sua própria profissão:

– Isso é lenda! Olha, antigamente fala que via. Mas, eu já cheguei bem perto desse fenômeno, assim, o que eu imagino, que eu vi ele derrubando árvore, que lá longe o pessoal gritava ó minhocão, ó minhocão! Cheguei bem perto e fiquei olhando. A própria água cria erosão e ela entra por baixo, ela ‘cavuca’ por baixo. Vai ‘cavucando’ né?! Vai fazendo assim ó. Aquela correnteza ‘cavucando’ por baixo da água né? Cai. Mas, como o rio é fundo ela some. E a turma fala que é minhocão, que ele entrou por baixo. Não tem nada haver, é erosão.

Gargalhadas a parte, o pescador utiliza a própria experiência pantaneira para provar aos demais que os mitos não existem no mundo real, mas sim na mente dos seres humanos.



- Um dia eu tava rodando com o barco, querendo escurecer. Aí eu olhei pra lá e alguma coisa me acenava. Aí calculei, alguma coisa tá me chamando no cemitério. Eu funcionei o motor na hora do desespero, daí eu corri, corri cem metros. Daí falei pro guri, um guri que se chama Rubinho, Rubinho 'vamo' volta! 'Vamo' volta! 'Vamo' volta lá! Aí 'voltamo'. Era um cavalo pastando com a cara dentro do cemitério e abanava o rabo. Mais si 'nóis' num volta, 'nóis' ia fala que uma pessoa chamou 'nóis' dentro do cemitério. Não tinha nada haver! O cavalo da fazenda foi e tinha matinho verde e ele pastava 'pôh'! E o 'musquito' ele fazia com o rabo assim e nós oh! Se nós não volta, no outro dia era aquele desespero – explica com paciência o velho pescador.

Adão Arruda e Maria do Carmo se posicionaram de formas totalmente diferentes diante dos mitos que rondam Porto da Manga, parecia um duelo entre a fantasia e a realidade. Uma racionalidade incomum, diante do misticismo folclórico típico do Pantanal, mas, os comportamentos distintos eram justificados pelas influências externas, os nativos tiveram de provar ao longo dos anos a existência de seres sobrenaturais aos forasteiros. Sem provas não haveriam monstros e, portanto, não seria verdade. Aos poucos, o conhecimento tradicional repassado principalmente pela oralidade, foi sendo silenciado, assim como o minhocão que parou de atacar e ninguém comentava mais nada.

66 No entanto, apesar deste conflito entre fé no oculto e explicações supostamente científicas, ambos os personagens sabiam do poder divino. Sobre a mesa na varanda do pescador haviam imagens sacras e a todo instante ele as observava, como se soubesse que aquelas figuras servissem de conforto e proteção nos momentos de temor. Para a idosa, a reza e a fé em Deus eram as únicas formas de prevenirem e remediarem os ataques do minhocão. Era a forma dos contadores de histórias e dos observadores da realidade local, preservarem as raízes da cultura pantaneira e não sofrerem com os reflexos do desenvolvimento em Porto da Manga. ■











LUZ PARA OS EXCLUÍDOS

As segundas e sextas - feiras elas cumpriam um rigoroso protocolo: encaravam os degraus altos e cansativos, que se tornavam mais pesados quando o tempo estava muito quente e o sol castigava os corpos frágeis. Não havia reclamações ou lamentos, apenas revelavam um sorriso largo ao atingirem o último degrau e quando abriam a porta, se deparavam com pequenos seres ansiosos por mais um dia de aprendizado.

Dominadas por desenhos, letras, números, lápis de cor, enfeites e alguns escassos brinquedos pedagógicos, as salas de aula eram improvisadas e abrigavam crianças e jovens, de séries e idades diversificadas. Juntas, as duas mulheres assumiram a responsabilidade de mães, amigas, psicólogas e educadoras. Não dividiam apenas o pequeno quarto, localizado no mesmo corredor das salas de aula, compartilhavam caronas, histórias, sonhos e os desejos de um futuro melhor aos pantaneiros.

Sônia Regina é uma mulher magra e de baixa estatura, dona de olhos escuros e penetrantes, além da fala segura e extremamente racional. Apesar de ser formada em Pedagogia, resolveu ampliar os seus conhecimentos e cursar Ciências Sociais. Decidida, deixou o marido e os dois filhos em Corumbá e regressou pela terceira vez a Porto da Manga, mantendo o compromisso de retornar para o lar aos finais de semana e matar a saudade da família. Educadora experiente, já lecionou nas áreas rurais e em outras comunidades pantaneiras mais afastadas, revelando um carinho especial por cada uma delas:

– O que traz a gente de volta é ver que o nosso trabalho está rendendo. Ver o fruto do nosso trabalho nas crianças, porque o nosso alvo, o nosso objetivo estão nas crianças.

De repente, o tom de desabafo presente nas palavras da professora contagiou a sala de aula, naquele instante vazia, que até então só propagava o ruído do ventilador

de teto. Ela fez questão de dizer que nada estava as mil maravilhas e nem tudo eram flores, os livros que estavam meticulosamente organizados no local, chegaram aos estudantes através doações. Os materiais pedagógicos que serviam de complemento ao aprendizado e enchiam de alegria o ambiente, só eram possíveis graças ao bolso das professoras, por meio dos recursos pessoais.

Na visão de Sônia, que transmitia uma ligeira indignação nos gestos corporais, o drama da educação não se limitava apenas aos recursos financeiros e estruturais, era uma questão amarrada ao comportamento dos próprios moradores. Pais e familiares viam na escola um local somente para brincadeiras, ou então um lugar para se aprender as regras de bons modos e talvez por isso, eram bastante ausentes. Não demonstravam interesse pelos filhos e pelo conhecimento que eles estavam adquirindo, pessoas que aprenderam sozinhas com as amarguras da vida e conduziam os seus descendentes para o mesmo caminho.

– Ao mesmo tempo que é um trabalho gratificante, é um trabalho que dói. Você tem que estar estruturada. [...] O trabalho do professor não é somente ali, na sala fechada, é muito mais do que isso – desabafa a professora.

Com uma doçura maternal e os olhos cheios de brilho, a professora foi descrevendo a fórmula para obter os resultados que tanto desejou ao longo dos anos. Muito tempo dedicado aos estudos e as pesquisas, juntamente com uma análise do comportamento e das experiências dos ribeirinhos a conduziram à seguinte iniciativa: abrir as portas da escola para Porto da Manga. Pais, familiares,

72



amigos e visitantes foram convidados a conhecerem a rotina dos alunos e aos poucos, todos foram tomando consciência da importância da educação. Ela sabe que é um trabalho de formiguinha, que de pouco em pouco atrai algumas conquistas, apesar de algumas pessoas ainda serem relutantes.

– Eu tive de fazer muita leitura, muita pesquisa e me dedicar mesmo para conseguir o que eu consegui hoje. O retorno que estou tendo, nunca imaginei que fosse ter. Não é um milagre, é basta colocar as ideias em prática – destaca a pedagoga.

Trabalho árduo e feito em equipe, para esses e tantos outros momentos Margareth Corrêa junta-se com a parceira Sônia Regina, para encararem a missão de valorizarem a educação em Porto da Manga. Um sorriso constante e contagioso,



com os cabelos longos e cacheados aliados a uma pele bronzeada, davam uma jovialidade aquela mulher. A Pedagoga é casada e mãe de duas meninas, assim como a colega de profissão, teve de deixá-los em Corumbá e se limitar com os encontros aos finais de semana. Anteriormente, ela lecionava para uma tribo indígena – os Guatós – e com orgulho afirmava que com eles, aprendeu artesanato e alguns mistérios da natureza.

– Eu amo o que eu faço! – palavras proferidas com extrema docilidade e delicadeza por Margareth.

Com bastante ternura nos olhos e na fala Margareth sentia-se realizada, naquele instante parecia que a jovem pedagoga era tomada por uma energia diferente, uma magia capaz de mover o mundo. Talvez este fosse o combustível necessário para que ela se arriscasse na rodovia pedindo carona, afinal, a prefeitura ou a secretaria de educação não disponibilizavam transportes para as saídas e os retornos das professoras na comunidade. O risco parecia válido, afinal, os estudantes não poderiam ficar sem aulas e comprometerem o calendário escolar, já definido pelo ciclo das águas no Pantanal. Aliás, o prédio onde esta alojada a escola é alugado e a prefeitura paga um valor mensal ao dono do hotel.

– Os recursos existem e há verba, né? Mas, a situação é complicada – Margareth fala como tom de desapontamento e indignação.

Dinheiro e recursos são problemas sérios, mas que nem sempre são os únicos agravantes na comunidade, cuja maioria dos moradores são analfabetos e no máximo, aprenderam a assinar o próprio. Com bastante delicadeza e tomando o devido cuidado para não expor seus aprendizes, Margareth relata que os índices de

gravidez na adolescência são altos na região. As jovens não recebem orientação em suas residências, não mantêm uma relação aberta e esclarecedora com os pais e acabam seguindo em um caminho sem retorno ou vantagens, que somente dá continuação a um ciclo triste e sem perspectivas. Nessas horas, as professoras abandonam a profissão e assumem o posicionamento de mães e psicólogas, com a finalidade de amenizarem o sofrimento das meninas e ao mesmo tempo, clarearem as ideias das demais para que não sigam no mesmo rumo.

– Aprendi muita coisa aqui, acabei me infiltrando e me sentindo parte da família. Eles precisam sentir segurança, sentirem que você veio para fazer o bem para eles. Todos precisam de ajuda e principalmente amor – são os dizeres cheios de sentimento da educadora.

Com o passar do tempo e muito esforço a comunidade entenderá que a educação é o mecanismo que mudará as estruturas daquele lugar. Na verdade, o conhecimento é uma semente que preserva em seu interior a cultura, os costumes e a identidade de um povo, e uma vez bem adubada e posicionada é capaz de render bons frutos. Este é o procedimento adotado pelas duas Pedagogas, elas sabem que é uma tarefa que levará anos para que seja cumprida, mas ainda assim se esforçam para transmitir o conhecimento e criarem uma corrente capaz de modificarem as vidas dos ribeirinhos. ■



VOGALS
VAE
IOU

A

Escola
Albino
Exter
Portu

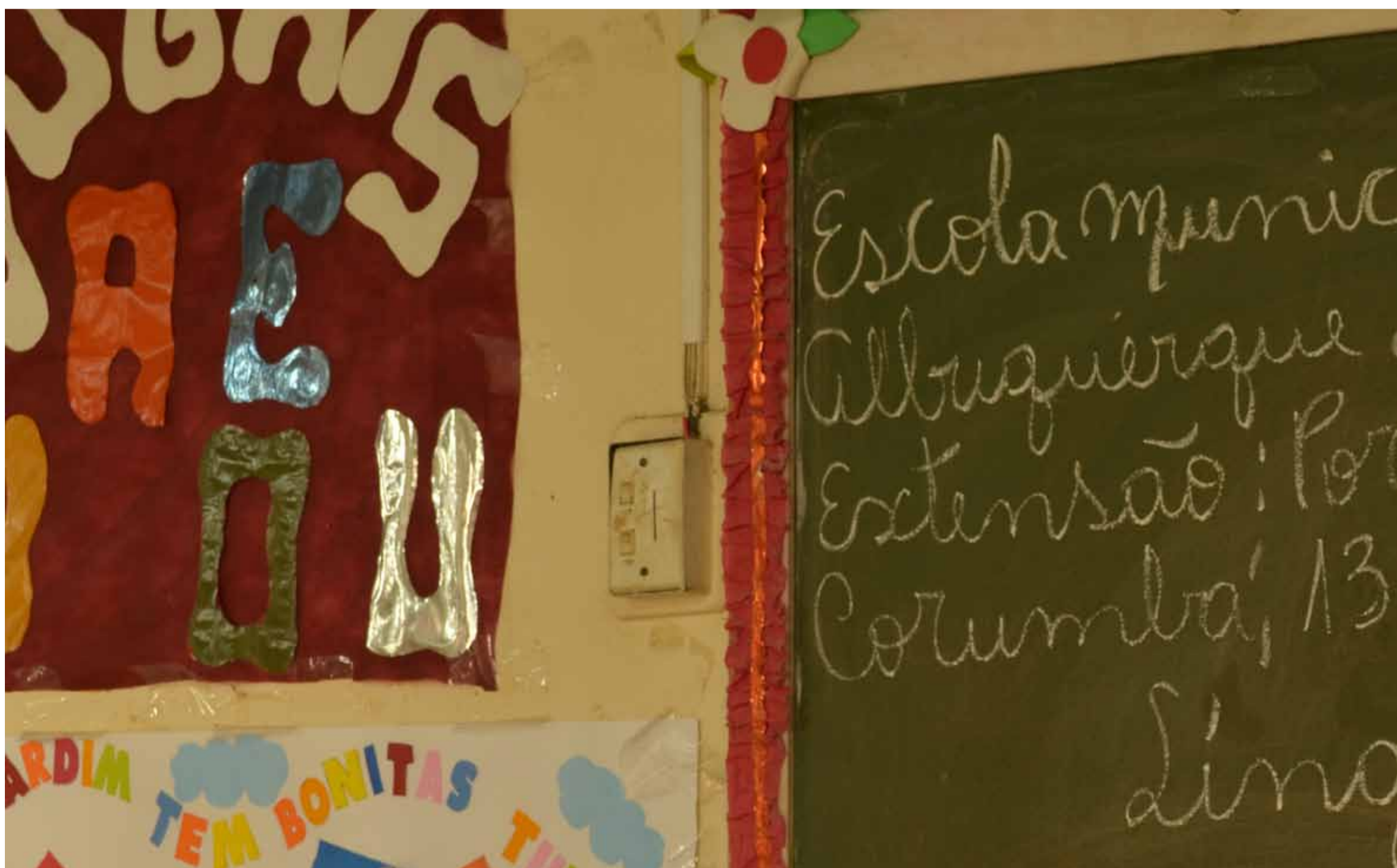
ARDIM MONITAS TU

REGISTRO
DE
DATAS
COMEMORATIVAS



B C
H I J
O P Q







Tipografia Poloduniz de
de Melo Pereira e Laceres
da manga
de Setembro de 2012
gua Portuguesa







PANTANAL SEM ÁGUA

Homem de porte robusto, olhos castanhos e penetrantes, bigode perfeitamente alinhado e um caminhar suave. São os atributos de um pescador de 52 anos que escolheu a mesma profissão do pai, é casado há 26 anos com uma isqueira, tem três filhos – duas meninas e um menino – e é avô de três netos. Dono de uma modesta hospedagem em Porto da Manga, Adão Arruda habita a comunidade pantaneira há exatos 21 anos, antigamente morava em Corumbá, e acompanhou de forma atenta o desenvolvimento da região.

81

Com a mesma atenção e cuidado, todos os anos ele observava atentamente o ciclo dos peixes no rio Paraguai, visualizando também o futuro dos filhos e dos netos que permanecerão comunidade. Na mente do experiente pescador apesar das mudanças ocorridas ao longo dos anos, foram trazidas facilidades e ao mesmo tempo, efeitos colaterais que prejudicaram em longo prazo o ecossistema pantaneiro. Com a voz firme e as palavras objetivas Adão Arruda procura justificar com exatidão e clareza, apesar do pouco estudo, toda afirmação proferida por ele:

– O povo precisa conscientizar. Eu falo pra muitos aí, não por nós porque nós já tamo de idade. Mas, pelos nossos filhos e netos que querem continuar aqui e assim pela frente. Se muitos querem turista de fora, eles vem também para destruir. Isso aí é a mentalidade daqueles caras que venceram na vida e só pensa em destruir. É ganância, porque eles não precisa disso.

Com os olhos reluzentes e os gestos brandos, Adão soube reconhecer que os turistas não foram os únicos responsáveis pelas agressões ao Pantanal e em diversos casos, foram capazes de darem o exemplo a própria comunidade ao recolherem os lixos pelo caminho e não agredirem os animais. Na cabeça do pescador, os estrangeiros passaram a valorizar a natureza por ela se tornar cada vez mais escassa no bloco desenvolvido.

Sem perder a linha de raciocínio e a docilidade na voz, o morador do povoado lamenta com muito pesar os problemas de saúde pública enfrentados pelos pantaneiros. Ele fazia questão de afirmar que não existia rede de esgoto na comunidade e os dejetos seguiam para as fossas sépticas, uma maneira inadequada de se livrar do que não poderia ser reaproveitado, que acabava contaminando o lençol freático, afetando o meio ambiente e conseqüentemente, a saúde da população local.



Indignado com a situação na qual vivia, tratou de ir para Corumbá buscar uma forma de amenizar o problema. Na cidade branca conheceu uma mistura à base de cloro e sulfato de alumínio, capaz de tratar a água utilizada nas atividades básicas de higiene e para beber. Quando retornou a comunidade, parou de usar a água diretamente do rio – retirada através de bombas e armazenada em tambores – e tratou de repassar aos demais moradores as informações que lhe foram compartilhadas. Apesar disso alguns pantaneiros teimavam em utilizarem a mistura errada, substituindo os produtos ou alterando as medidas, prejudicando a saúde de adultos e crianças.

Raramente surgem trabalhos voluntários, ou aparecem militares brasileiros para fornecerem assistência médica aos ribeirinhos, porque não há um posto de saúde ou centro de especialidades instalado na região. Em casos de urgência os moradores precisam contar com a colaboração dos demais e partem rapidamente para Corumbá, no entanto, nem sempre o socorro chega no instante certo e acaba sendo tarde demais.

– A gente gostaria de ter condições melhores, porque mesmo com o tratamento que fazemos aqui, ainda tem muita gente que fica doente; nossas crianças estão sempre doentes, com vermes e dor de barriga – utiliza o tom de indignação o experiente pescador.

Sentado na cozinha da hospedagem, envolvido por uma luz amarela e pelos ruídos da televisão, enquanto os grilos realizam a serenata noturna, ele imagina



que no futuro as gerações poderão seguir um caminho diferente. Os mais jovens entenderão que a preservação é a única ferramenta capaz proteger o Pantanal e conseqüentemente, a cultura do homem pantaneiro. Com um tom de confissão e esperança o pescador revela o que mais sente saudade, como se esta fosse uma forma sensibilizar os corações daqueles que o escutam:

- Sinto saudade das águas limpas, das águas transparentes que tinham lá pra cima. 'Nóis' ia de noite com lanterna alumiar os peixes no rio, era muito bonito. Hoje não existe mais isso, a água toda secou ou virou pasto. [...] Espero que essas crianças que estão agora na escola não vão mais fazer o que 'nóis fizemo' no passado.

As raízes daquele homem estavam fincadas no solo arenoso, assim como as mangueiras que estão presentes na comunidade. O pescador que assim como os índios, explora e protege o ecossistema de forma consciente, faz questão de repassar através da oralidade e do exemplo de vida o que aprendeu de melhor, e deseja preservar nas mentes e nos corações dos demais pantaneiros, o respeito e o amor ao meio ambiente. ■









RESGATE DOS ESQUECIDOS

Um misto de sentimentos apossou de nós após o período em que estivemos na comunidade, foram momentos e histórias extremamente marcantes que nos proporcionaram um intenso apreço pelos membros daquele local, onde todos obedecem a um ciclo de vida determinado pelas águas e cheias que isolam o lugar e que ao mesmo tempo é capaz de transmitir um ritmo de lentidão devido aos períodos de estiagem. Durante nossas pesquisas, algumas impressões foram desfeitas, já outras, como a falta de saneamento básico, a precariedade na assistência médica e a falta de atenção do poder público, os contextos sociais, econômicos e educacionais daquela região, tornaram-se inevitáveis e muito fortes.

88

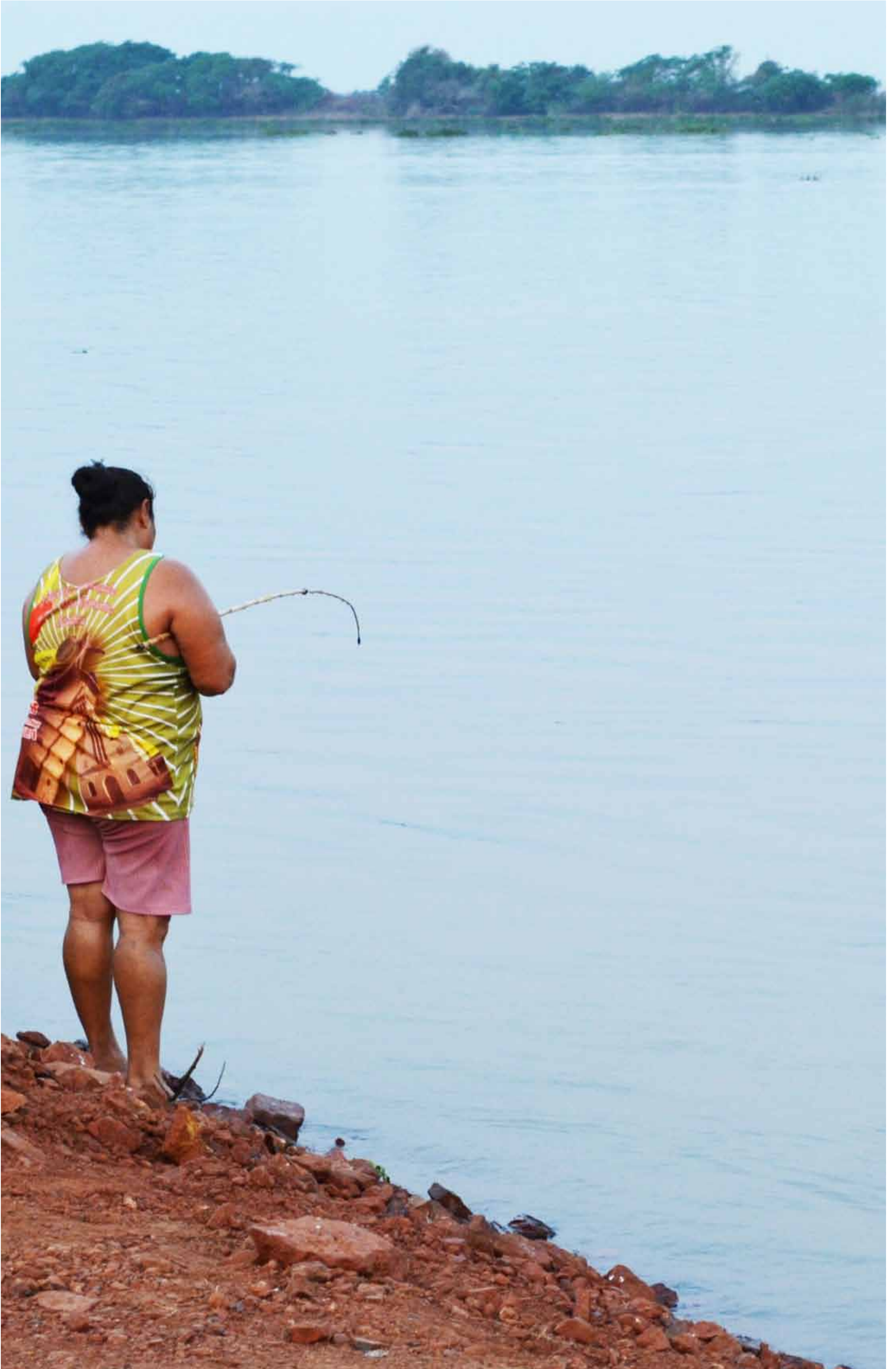
Depois de retornarmos para Campo Grande, buscávamos compreender alguns fatos que presenciávamos, observávamos e até vivenciávamos 'na manga'. Não abandonamos os manuais jornalísticos, apenas incorporamos e valorizamos a subjetividade tão presente nas regiões pantaneiras. Enquanto conhecíamos profundamente aquelas pessoas, buscávamos entender como elas conseguem viver com tantos obstáculos e se manterem alegres, assim, ao mesmo tempo em que eles se viam invisíveis perante a sociedade e os governantes, para nós representavam verdadeiros tesouros de sabedoria. Com isso pudemos refletir sobre o que fazemos com as nossas próprias vidas, sejam nos âmbitos pessoais e profissionais.

Percebemos que a resposta estava na motivação, era algo que encontramos em cada olhar que descobrimos na comunidade, este era o diferencial daqueles que persistem em fazer o bem ao próximo, se arriscam em coisas que os demais rejeitam ou desencorajam e principalmente, lutam para que uma ideia dê certo e ajude a transformar várias vidas.

Não precisaríamos ir muito longe para encontrarmos histórias de vida semelhantes a dos pantaneiros, existem inúmeras pessoas por aí que realizam trabalhos maravilhosos e gratificantes todos os dias e sequer, recebem seu devido reconhecimento. Mas, essas pessoas que auxiliam as demais, são exemplos para o meio no qual vivem e são capazes de contaminarem os ambientes com ações positivas. Não precisamos mudar o mundo de uma única vez, basta modificarmos a nós mesmos e aos poucos, essa mudança vai contagiar aqueles que nos cercam. Acreditamos que o importante é dar o melhor de si valorizando os princípios da amizade, da compaixão, do respeito e defender os ideais.

O Porto da Manga e as lições de vida naquele lugar se tornaram a nossa motivação, em algum momento tudo fez mais sentido quando pudemos conhecer e compreender as posturas tão diversificadas entre as pessoas que na beira do rio, tivemos o prazer de conhecê-las.















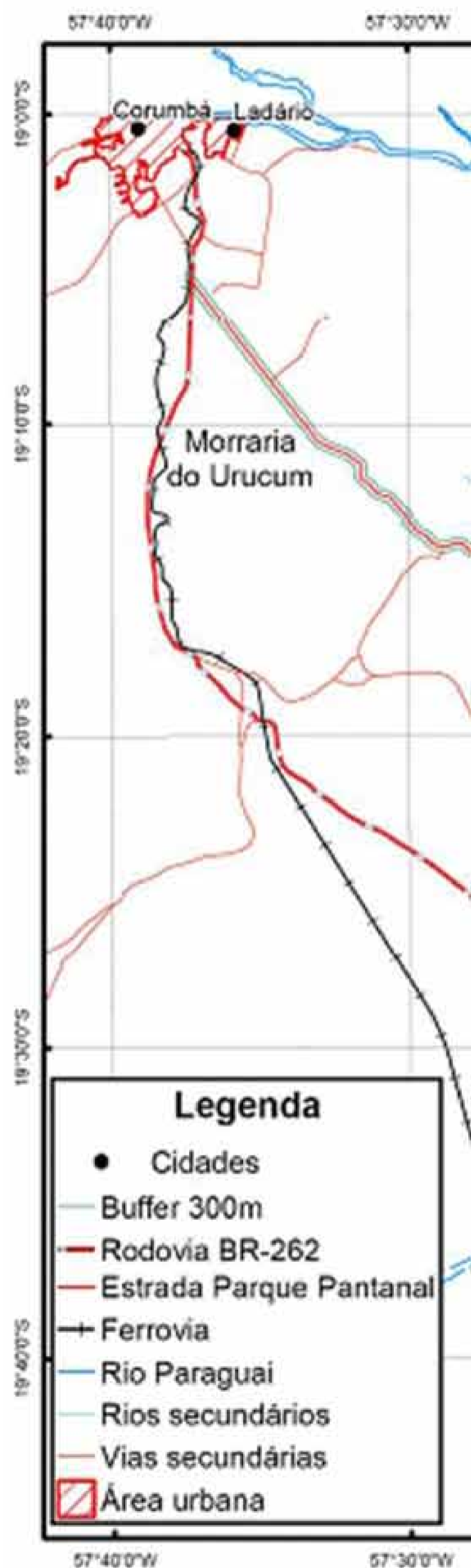


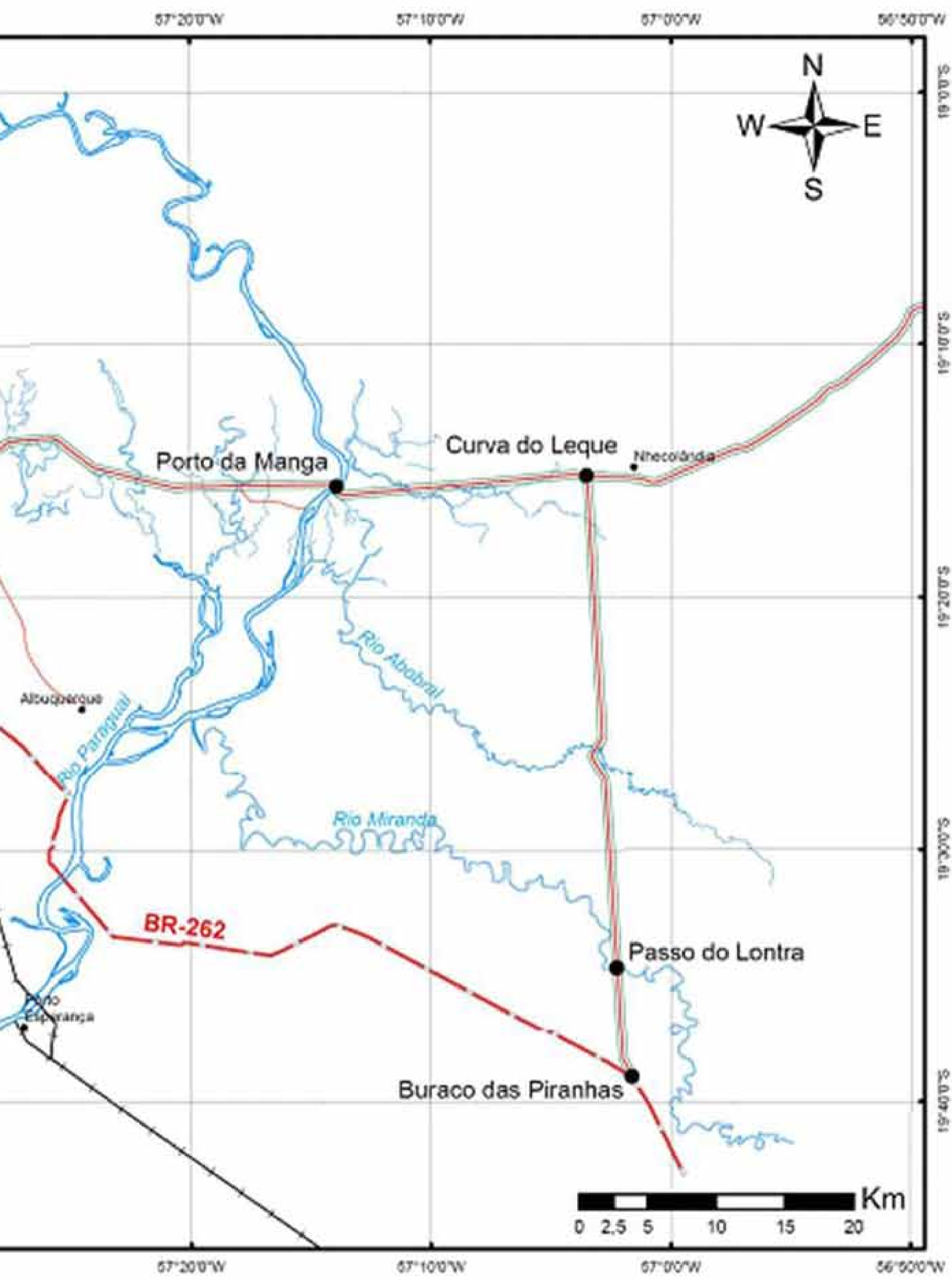


Caracterização da Estrada Parque Pantanal

Fonte: IESPAN

98





Produzido e editado em Campo Grande/MS, primavera de 2012.

